



Se a Mediunidade Falasse 5

# CRISTIANISMO E MEDIUNIDADE



GRUPO  
MARCOS

# CRISTIANISMO E MEDIUNIDADE

---

SE A MEDIUNIDADE FALASSE 5

GRUPO MARCOS





## SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	v
1. Os Amigos do Cristo	1
2. A Revolução Social Cristã	17
3. A Queda de Pedro	28
<i>Sobre a Série</i>	41
<i>Conheça o Grupo Marcos</i>	45
<i>Coordenador do Grupo Marcos</i>	47
<i>Outras Obras</i>	49
<i>Contato</i>	51



## PREFÁCIO

É o Cristo o maior modelo de ação magnética, de relação espiritual e de emprego dos poderes do Espírito a serviço de Deus. Todos os discípulos sinceros utilizaram-se da mediunidade para consolar, curar, amparar as mais diversas dores e, também, por meio da mediunidade, foram socorridos pelos servos do Senhor, que atuavam no plano espiritual, e pelo próprio Mestre. Os sonhos, os desdobramentos, a vidência e a premonição são faculdades utilizadas por todos que querem servir a Deus, em prol do avanço da civilização do Espírito no coração dos homens, que deve transbordar nas relações sociais.

O Reino do Mestre é o Reino da paz e da espiritualidade. Somente com o impulso do mais Alto, conseguirá a criatura terrena espiritualizar-se em profundidade. Defendemos, sim! Defendemos a vivência mediúnica cristã, para todos aqueles que desejam servir e doar-se à Causa do Bem, porque Jesus utilizou-a e porque os discípulos imperfeitos não podem prescindir do apoio do mais Alto para completarem sua obra.

Lembremo-nos: somos cristãos, e os cristãos devem imitar o Mestre.

Paz,

Ivan de Albuquerque.



## OS AMIGOS DO CRISTO

**F**elipe dorme e, enquanto conversa com Pai Joaquim fora do corpo, subitamente sente alguém a lhe apertar a garganta do corpo físico. Um mal-estar o invade. Pai Joaquim observa-o, tranquilamente.

– O que está acontecendo? – indaga Felipe a Pai Joaquim.

– É Roberto, inimigo de Avelino que, sabendo de nosso plano para ajudá-lo, quer lhe assustar – explica o mentor.

– Me ajude, Pai Joaquim... estou ficando com medo! – pede Felipe.

– É verdade, está mesmo – diz o amigo espiritual, com tranquilidade.

– Preciso voltar para o corpo! Preciso acordar, me defender...

– Calma, filho.

– Pai Joaquim, por que isto está acontecendo comigo? O que fiz de errado?

– Errado? Nada...

– Então, por que estou sofrendo?

– Meu filho, diga-me: o que o Cristo fez de errado?

Felipe, apesar do desconforto que está sentindo, entende algo que nunca tinha pensado. Sempre achou que todo sofrimento fosse punição.



– O que devo fazer?

Pai Joaquim sorri feliz e responde:

– Como é bom quando você aprende, meu filho! Vamos para o seu quarto conversar com o Roberto. Quem sabe você não o convence a mudar de vida?

– Eu?! Mas não sei o que falar...

– Você aprende. E eu lhe ajudarei. Vamos!

Ao chegarem ao quarto de Felipe, encontram Roberto agarrado ao pescoço do corpo material de Felipe, tentando enforcá-lo. Após aproximarem-se da cena, Pai Joaquim orienta:

– Ficarei invisível, mas estou aqui ao seu lado.

– Tudo bem... – diz Felipe, tentando buscar coragem.

Felipe se aproxima e toca Roberto por trás, que dá um salto assustado e, ao vê-lo sozinho, corre em direção a ele.

– O que faço? – pensa Felipe.

– Olhe para ele com firmeza e diga que está com saudades – responde Pai Joaquim.

– Não entendi. Como é? – pensa mais uma vez.

– Olhe para ele com firmeza e diga que está com saudades!

Roberto se aproxima.

– Estou com saudades de você, meu amigo!

Roberto para, olha para ele, e pergunta:

– Então você se lembra?

– Sim, de alguma coisa. – diz Felipe, reproduzindo o pensamento de seu guia.

– Você se lembra da época do Cristo?

Neste momento, Pai Joaquim induz Felipe a lembrar de uma encarnação à época do Cristo, em que ele e Roberto eram amigos; na verdade, eram irmãos que tinham um rico comércio em Jerusalém.

– Sim. Fomos irmãos e nos ajudamos até o fim da vida – fala Felipe, confuso.

– É verdade! Então por que você agora me trai? – pergunta Roberto.

– Descobri que estávamos errados.

– Errados? Nós? Como?! O que você quer dizer com isso?

– Jesus, o filho de José, é o verdadeiro enviado de Deus.

– Covarde! Nós prometemos que nunca o perdoaríamos!

Felipe fica confuso, pois não sabia do que Roberto falava, nem sabia se poderia confiar totalmente nele. Tenta captar os pensamentos de seu protetor. Vê então uma cena no templo de Jerusalém, em que Jesus expulsa os comerciantes com um chicote em punho e, com voz enérgica, diz: *“A casa do meu Pai é uma casa de oração e vocês a transformaram em um covil de ladrões”*. Felipe vê a banca de seu comércio ser derrubada. Não consegue mover-se; aquele Messias fala com uma autoridade inabalável. Felipe chora ao recordar essas imagens.

– Roberto, meu irmão – fala Felipe, comovido – estávamos errados! Olhe como você está triste e infeliz. Jesus tinha razão. Os interesses de Deus estão acima da nossa ambição por riqueza. No templo, disfarçados com a desculpa de servir a Deus, nós, os comerciantes, assim como os sacerdotes, apenas pensávamos em enriquecer mais e mais. Eu falo a verdade, Roberto, pois quero o seu bem! – conclui, com a voz carregada de emoção.

– Mas... Você pode me ajudar?! Jesus me perdoaria? – fala Roberto, expressando o cansaço de uma vida inferior.

– Vamos fazer uma prece e pedir uma resposta de Jesus – afirma Felipe, impondo as mãos em Roberto.

– Senhor Jesus, sabemos que és misericordioso! Há quanto tempo o negamos e fugimos do seu amor. Por favor, amigo divino, tem piedade de meu irmão, que tanto me ajudou no passado, e hoje é um mísero obsessor sexual de Avelino. Tem piedade de todos nós! Muito precisamos de seu cuidado, de sua proteção e de seu amor.

Roberto, emocionado e anestesiado com as energias que Felipe lhe aplicou, olha-o e diz, antes de desmaiar:

– Eu sabia que você nunca me trairia... meu irmão!

Felipe abraça-o. Pai Joaquim torna-se visível. Felipe chora convulsivamente. Seu mentor pede que os Espíritos que fazem a proteção da casa de Felipe, os guardiões do Evangelho no Lar, como são conhecidos, levem Roberto.

– Que choro bonito! – brinca Pai Joaquim, contente com a atuação de seu protegido.

– Mas... é tudo verdade? Tudo o que vi? Como pode? Dois mil anos...

Pai Joaquim sorri e confirma com a cabeça.

– Por que eu não soube antes? Não era melhor eu saber antes de conversar com ele?

– Não, meu filho. Primeiro porque o encontro de vocês facilitaria a lembrança; segundo porque é importante você entender que é o socorro aos sofredores que amplia a mediunidade. Médiun de “gabinete”, que só quer saber de Espírito “evoluído”, é médiun mistificado e amigo dos Espíritos mentirosos. Nós, que trabalhamos em nome do Cristo, só temos uma regra: a caridade para com todos. Fora disso, é mistificação.

– Pai Joaquim, estou muito abalado...

– Com o que, meu filho?

– Na época do Cristo, eu preferi meu comércio, as riquezas, ao invés que escutá-lo.

– É verdade. Isso é triste. Porém, mais triste ainda vai ser se você, nesta encarnação, mais uma vez preferir o dinheiro e a vaidade, em vez de segui-lo.

– Isso pode acontecer? – Felipe pergunta, ficando ainda mais surpreso.

– Claro, meu filho. Livre-arbítrio significa liberdade de escolha.

– Como faço para não falir novamente?

Felipe, que lamentava o passado, agora se apavora com o futuro.

– Sugiro que você se lembre dessa regressão. Ela é um aviso importantíssimo para você. Você deseja lembrar?

– Sim, com certeza. Eu quero!

O mentor aplica-lhe um passe e, em seguida, diz:

– Você lembrará de tudo ao acordar. Saiba que tudo o que você recebeu só foi permitido por Deus porque você se dispôs, abnegadamente, a ajudar Avelino.

– Nunca imaginei que ia “ganhar tanto”...

– Sempre que agimos por amor, recebemos muito mais do que esperamos – explica o amigo, que logo em seguida desaparece.

Felipe senta-se ao lado de seu corpo, respira fundo e tenta colocar as ideias no lugar: “Que experiência radical! Vou contar para o Gabriel...”

Lembra-se do Colégio Allan Kardec. São duas da manhã. Resolve partir.

Chega ao colégio e resolve subir as escadas sozinho. Afinal, o que poderia acontecer? Passar mal já passava mesmo... Chega ao início da escadaria do quarto andar. Para. Devia tentar mesmo? Sabia que não estava sendo arrogante, pois já fizera um módulo no quarto andar. E Eurípedes sempre incentiva a autonomia. Não estaria na hora de, pelo menos, tentar? Decide-se. Sobe, passo a passo. A sensação de morte começa. “Nada de novo” – pensa, para ter ânimo. A sensação piora muito. Olha para os lados. Outros sobem, tranquilamente. Pensa que, se pedir ajuda, será ajudado. Mas deseja chegar de forma independente. Fica tonto e sente que vai desmaiar, mas se segura na escada. Respira fundo. “Que venha a dor!” – pensa, subindo com firmeza. Chega à sala e Gabriel, que está na porta, o abraça!

– Parabéns! Você venceu a mais terrível limitação para o crescimento espiritual.

– Eu?! Qual?

– O medo, meu amigo.

– É? O que isto significa? Nunca mais terei medo? – indaga Felipe.

– Não, Felipe. Você ainda terá muitos medos...

– O que venci então? – responde Felipe, sem entender.

– Você alcançou algo maior, a coragem de enfrentar os seus medos!

Felipe sente um profundo bem-estar e pensa: “Vencerei meus medos!”

– Você aprendeu mais hoje do que quando Jesus derrubou sua banca! – fala Gabriel, sorrindo.

– Você sabe dessa história? – pergunta Felipe, surpreso.

– Claro. Não lhe convidaria para trabalhar comigo sem conhecer seus erros e acertos, meu amigo.

– Quem sabe você não me fala mais de mim!? – brinca Felipe, ao entender como são sábios os Espíritos superiores.

– Falarei sim! – conclui Gabriel, ao que ambos riem.

O ambiente das duas salas é de paz. No quarto andar, milhares de alunos. Na primeira sala, temos Rivalina, Eclésio, Romildo, Astrobrito, Patrícia, José e Eurípedes. Todos aguardam, em silêncio.

– A prece no início de uma atividade espiritualizadora é um ato de alta relevância. É importante que vocês permitam que as energias

elevadas toquem seus corações, para que possam proteger o grupo – explica José, que pede a Eclésio que faça a prece inicial.

Eclésio sente-se feliz pela confiança dada a ele e pela oportunidade de expressar seu amor pelo Mestre dos mestres, tantas vezes por ele traído, e faz assim sua prece:

Senhor, divino amigo, por quanto tempo o traí! Por quanto tempo fugi! Por quanto tempo quis lhe esquecer! Ainda assim, o Senhor foi me buscar na lama da dor, do desespero e da loucura. O Senhor sabe o quanto ainda tenho de inferioridade em meu coração e, mesmo assim, não me condena, não me repudia. Pelo contrário, me acolhe, me ensina, permite que eu partilhe do Amor de seus discípulos fiéis e leais. Obrigado, Senhor! Obrigado! Apenas posso agradecer a sua imensa compaixão por minhas dores, apenas posso louvar seu amor pelos sofredores e posso oferecer minha dedicação total ao seu amor, como a única prova sincera de agradecimento, por tudo o que Senhor fez e faz, ainda hoje, por mim.

Obrigado!

José agradece a Eclésio e inicia a aula:

– Entender a grandeza do Cristo e de sua missão na Terra é essencial para saber valorizar a missão do Consolador. Somente quem entendeu o impacto que este homem teve e tem na história do mundo pode dimensionar a importância do Espiritismo na atualidade terrena. Não é possível, em nosso breve curso, apresentar toda beleza da missão de Jesus de Nazaré; contudo, destacaremos os elementos essenciais para nos orientar neste momento de decisão da sociedade terrena. A ida do Cristo ao mundo não foi um evento pontual e isolado; ao contrário, sua missão está envolta em um longo e detalhado planejamento, que tem como objetivo a redenção da criatura terrena.

– E o que é esta redenção? – pergunta Astrobrito.

– É o amadurecimento do ser, é a criação de um vínculo indestrutível entre criatura e Criador, é a conquista da verdadeira felicidade.

Podemos resumir a missão do Cristo no mundo como o ensino da arte e da ciência da verdadeira felicidade – responde José.

– Nunca pensei assim. Nunca imaginei que todo o esforço do Cristo estivesse direcionado à nossa verdadeira felicidade – comenta Astrobrito.

– **Estivesse, não; está!** – afirma José e explica: O plano de Jesus ainda está sendo executado e continua tendo, como elemento central, nos ensinar a caminhar até Deus, que é a única fonte de eterna alegria, paz e compaixão. O planejamento da espiritualização do mundo é responsabilidade de Jesus, que conta com o auxílio de milhares de Espíritos evoluídos.

Houve um grupo de Espíritos que foi exemplo de abnegação no auxílio à tarefa de Jesus. Falo dos essênios, que foram capazes de compreender e seguir os ensinamentos de Jesus, antes de sua ida ao mundo. Eles esperaram o Cristo para segui-lo. Seus corações sublimes e obedientes sentiram a aproximação do Mestre. Dentre os essênios, citamos Bezerra de Menezes, Eurípedes Barsanulfo e Cairbar Schutel que, na época, chamavam-se Lisandro, Marcos e Josafá, respectivamente. Ao encontrar Jesus, reconheceram-no e tornaram-se Seus fiéis seguidores. Não por acaso, eles atualmente coordenam as atividades do Movimento do Consolador no Brasil e no mundo. Nosso diretor, Eurípedes Barsanulfo, ministrará a aula de hoje, que tem o seguinte tema: **Os amigos de Jesus.**

Eurípedes levanta-se, caminhando até a frente do auditório, e assim inicia a aula:

– A transmutação dos sentimentos do ser humano é o alvo máximo da tarefa cristã. Para nós, cristãos de longa data, a cristificação ou a autocrificação é o objetivo máximo da vida. A ciência, a filosofia e a ação no mundo da matéria densa ou da matéria sutil têm sempre este objetivo. Quando essênio, dedicava-me à cura de doenças físicas, por meio das terapias magnéticas e da utilização de plantas. Quando em Sacramento, utilizei-me do receituário mediúnico, orientado por Bezerra de Menezes, para ajudar na cura de doenças. **Meu objetivo, assim como o de Bezerra de Menezes, continua sendo o mesmo: estimular a espiritualização do ser. Além do alívio do sofrimento, desejamos estimular a reflexão, a espiritualização do ser.** A cura do corpo,

pensamos, é uma prova objetiva da verdade espiritual que defendemos – conclui o mestre de Sacramento, para dar início às perguntas:

– O senhor não acha perigosa a utilização da mediunidade para a cura de problemas físicos? – pergunta Romildo.

– Depende como você define “perigo” – explica Eurípedes. Do ponto de vista espiritual, desenvolver-se em um mundo atrasado como a Terra acarreta muitos perigos, frutos da incompreensão da sociedade em geral. O ser não-evoluído nunca prioriza buscar o Pai Criador. Sua prioridade é a satisfação da animalidade, da vaidade e do orgulho. Por isso, ele foge ou se opõe à verdadeira caminhada em direção a Deus. Quando decidimos nos tornar cristãos, não podemos querer agradar à maioria da sociedade terrena. **O grande erro de muitos cristãos é querer atender às modas e aos métodos de um mundo atrasado e, ao mesmo tempo, espiritualizar-se. Isto é muito perigoso.** Nos ensinamentos de Jesus, a advertência é inegável: *Não podeis servir a dois senhores. Ou se serve a Deus, ou ao mundo.* Os interesses são incompatíveis. Quem prioriza Deus, está vinculado à própria espiritualização: às práticas elevadas da caridade, da meditação silenciosa, do estudo científico, para melhor servir e melhor integrar-se ao amor divino. Os interesses de quem serve ao mundo são os tão divulgados modelos da Terra: fama, riqueza, beleza aparente, poder, satisfação imediata, prazeres vazios e desequilibrantes. Como servir a ambos os ideais? Impossível. O grande problema é que, mesmo no seio do Consolador, observamos Espíritos que há milênios tentam satisfazer seus desejos inferiores e se iludem com o pensamento de que estão se espiritualizando. Este é o perigo com que todos devem se preocupar. **A cura mediúnica, como fez Jesus, é instrumento de espiritualização e deve ser um dos instrumentos de estímulo à evolução do ser.**

Após um período de silêncio, Eurípedes prossegue:

– Vamos estudar a relação entre a mediunidade ensinada por Jesus e a mediunidade conduzida por Allan Kardec. Nosso desejo é esclarecer o que significa a mediunidade verdadeiramente cristã.

Como Jesus e Allan Kardec educaram a mediunidade? Que modelo eles nos deixaram? Quais as características centrais da educação mediúnica praticada por Jesus, guia da Humanidade, e de Allan Kardec, seu discípulo lúcido e abnegado? Sei que muitos aqui nunca

pensaram nestas questões. É por isso que discutiram, escreveram e pregaram modelos mediúnicos anticristãos – fala Eurípedes, com tranquilidade.

– Como o movimento espírita encarnado “conseguiu” se distanciar tanto de Jesus e de Kardec? Como esquecemos desse modelo? – indaga Rivalina, ainda espantada com a contradição, cada vez mais clara, entre a educação mediúnica espírita-cristã e a “educação mediúnica” do movimento espírita encarnado.

– **O distanciamento do caminho cristão ocorre por estes dois motivos: rebeldia ante a necessidade de educação dos sentimentos e incapacidade de entendimento intelectual.** Afirma Jesus: *Os homens não terão me entendido ou não terão desejado me entender.* Ou seja, alguns ouviram as orientações do Mestre, mas não quiseram entender, não querendo aplicá-las às suas vidas. Outros não têm a capacidade de entender. Claro que a situação espiritual deles é muito diferente. Hoje, todos têm a capacidade intelectual para entender. Por isso, os revoltados serão encaminhados a outros mundos, para que as vivências rudes, ao longo dos séculos, os ajudem a transformar seus sentimentos. – responde Eurípedes.

Todos estão em silêncio. Eurípedes olha paraa todos. Seu olhar é sereno. Ele transmite seu desejo de que todos aprendam o verdadeiro cristianismo e, ao mesmo tempo, alerta para a gravidade da situação do planeta, do movimento espírita e de cada um em particular.

Indaga o mestre:

– O que caracteriza a educação mediúnica de Jesus e de Kardec? Por que Kardec e Jesus estruturam suas equipes de trabalho com pessoas de diversas idades?

Todos estão impressionados. Eles não sabiam responder, pois não sabiam que, nas equipes de Jesus e Kardec, existiam pessoas de todas as idades. Sempre imaginaram que Jesus e Kardec agiam igual a eles, em seus centros espíritos. Nunca tiveram a “curiosidade” de se perguntarem como Jesus e Kardec educavam a mediunidade. Por mais chocante que seja, esta é a verdade: os seguidores pensavam saber mais do que os Mestres! Eurípedes continua:

– Para nos ensinar a capacidade de compreender o outro, para estimular a cooperação entre seres com diferentes experiências, e para que



a preparação da futura geração seja verdadeira, seja prática, as diferentes gerações devem conviver. **Quando os mais velhos não conseguem conviver com os jovens e os jovens se afastam do convívio dos adultos, o modelo cristão fica incompleto.** Como estruturar um grupo cristão, se as atividades dos atuais espíritas são divididas, por conta de excluírem os mais novos? Observem a gravidade disso: muitos defendem a proibição da participação dos jovens nas atividades mediúnicas nos núcleos espíritas. **O critério do Cristo e de Kardec nunca foi o da idade, mas o da maturidade. O grupo cristão deve estruturar-se orientado pela lógica da integração, e não da divisão por critérios externos.** Jesus convocou João, o Evangelista, a participar do colégio apostólico em sua mocidade. Para Jesus, a prática mediúnica está integrada à vida. O exemplo mais marcante foi a materialização de Moisés e Elias no monte Tabor, da qual, a convite de Jesus, o adolescente João participa, junto com Pedro, discípulo já maduro. Já Allan Kardec permite que Gabriel Delanne, aos seis anos, participe de reuniões mediúnicas por ele presididas. O critério de ambos nunca foi externo, sempre espiritual.

– E por que os atuais espíritas não entendem isto? – pergunta Patrícia, que está cada vez mais intrigada com a atual geração espírita encarnada.

– Muitos entendem, Patrícia, pois basta uma rápida pesquisa no **Evangelho** e na **Revista Espírita** para confirmar o que afirmo. **O maior problema é que muitos não querem compreender. É o caso da rebeldia ante as Leis de Deus. Não querem assumir as pesadas responsabilidades de se educarem verdadeiramente. Não querem ver suas ilusões questionadas. Não querem descer do palco da ilusão de suas “carreiras” espíritas. Mais cômodo é o convívio entre os que se enganam mutuamente, no comércio de muitos elogios e poucos sacrifícios, em benefício da causa do Cristo e de Kardec.**

Como pensava Patrícia, o grande problema não é o entendimento. É a falta de disposição para servir a Deus e abandonar os valores do mundo.

– Além da integração de indivíduos de diversas idades, como tornar nossos grupos atuais em verdadeiros grupos espírita-cristãos, no que se refere à mediunidade? – pergunta Eclésio.

– A educação mediúnica com Jesus e com Kardec sempre tem uma dimensão prática e social. Além de estudar, o que é indispensável, é preciso praticar a mediunidade em reuniões bem estruturadas e bem dirigidas. O excesso de “regras”, em vez de espiritualizar o ser, atrapalha. **Purificar o coração, orar, cultivar o equilíbrio e o silêncio interior diariamente é o caminho necessário, que todos podem trilhar.** Mas os fariseus, momentaneamente encarnados no movimento espírita, criaram e criam inúmeros “conselhos”, “normas” e “métodos” para educar a mediunidade. Será isso realmente necessário? Penso que não.

Que os participantes dos grupos mediúnicos cultivem hábitos saudáveis, estudem e reconheçam as próprias limitações já é o suficiente para um bom trabalho. **As obsessões desenvolvem-se com base no orgulho, que é a negação do indivíduo em reconhecer suas limitações. O Livro dos Espíritos, na questão 919, alerta: o melhor caminho para se evitar os arrastamentos do mal é conhecer-se a si mesmo.** No aspecto social, um grupo mediúnico deve sempre estar em contato com quem mais sofre. Amparar enfermos, visitar presidiários, ser o consolo nos momentos de perdas de entes queridos, apoiar viciados, que lutam para se recuperar. Por que os grupos atuais raramente visitam essas pessoas? Não há como ampliar a mediunidade sem socorrer também os encarnados. **A educação mediúnica, segundo Jesus e Kardec, tem estas características:**

1. Grupos que estão abertos para congregar pessoas com diferentes características sociais: ricos/pobres; adultos/jovens, intelectuais/pouco instruídos. Isto significa que o critério é moral e intelectual (capacidade de compreensão), e não é externo;

2. A educação mediúnica está ligada a um processo de crescimento espiritual individual, que orienta a formação de hábitos da oração, autoavaliação, meditação e renúncia à animalidade;

3. O grupo mediúnico deve exercer atividade de apoio a pessoas e grupos que estejam precisando.

Não é preciso mais do que isto para instituir um grupo mediúnico cristão. Complicar e limitar a prática mediúnica, como se faz atualmente, é afastar as pessoas do verdadeiro cristianismo. **Conhecimento doutrinário, simplicidade e sinceridade.** Tudo o que disso passa tem

origem maligna, conforme ensina Jesus: *Seja o vosso falar: sim, sim; não, não; tudo o que disso passa, procede do maligno.*

Eurípedes olha para Eclésio e pergunta:

– Você está disposto a entender os motivos reais que o impediram de difundir o modelo espírita-cristão no movimento espírita?

Eclésio treme. Sabe que possivelmente relembra erros do passado. Vendo sua hesitação, Eurípedes afirma:

– **Meu amigo, a única forma de evoluir é tendo coragem de enfrentar os próprios erros, aceitar-se imperfeito e não temer servir à causa do Bem.** Muitos espíritas se enganam fugindo do passado, e isso é um erro. À medida que o indivíduo amadurece, deve, obrigatoriamente, olhar para dentro de si. Não para se culpar, mas para se entender e servir mais. O esquecimento é necessário para as almas frágeis e temerárias, não para quem esteja disposto a evoluir.

Eclésio sabe que está sendo observado por milhares de espíritas, que faliram como ele. Pensa então que seu esforço será excelente para todos. Criando coragem, aceita.

Eurípedes pede que ele se deite em uma maca, que é trazida por enfermeiros. Ele deita e segue as orientações do Mestre de Sacramento. Felipe observa atentamente. É um momento de aprendizado valiosíssimo. Eurípedes faz uma prece silenciosa e uma luminosidade envolve a todos. Aplica passes em Eclésio e, após alguns minutos, Eclésio começa a falar:

– Eu sei, eu sei! Eu sei que Ele é a mensagem de Deus ao mundo! Eu sei! Mas o que você quer que eu faça?! Ninguém, ninguém quer abrir mão de sua posição no templo! Nem os que acreditam que Jesus é o profeta enviado de Deus. Ora, ora, o que você quer que eu faça?

Começamos a ver a cena do diálogo entre Eclésio e Astenor, seu conselheiro e amigo. De uma forma que ainda não compreendo, Eurípedes é capaz de captar e transmitir as imagens da memória de Eclésio.

O diálogo ocorre em um aposento luxuoso na casa de Eclésio. Eles discutem sobre o que fazer em relação à análise que os sacerdotes judeus fariam sobre Jesus.

– Mas você acredita que Jesus é o enviado de Deus? – indaga Astenor.

– Claro que ele é! – responde Eclésio, falando baixo.

Depois de olhar para os lados, continua:

– Ele curou Helena, minha esposa! Ele fala de Deus de uma maneira que ninguém, nem os maiores sábios do templo falam. Sua voz é doce e cheia de sabedoria. Seu olhar é repleto de paz e ternura e, mesmo assim, em sua presença, senti-me tão pequeno como um verme que tivesse de enfrentar o sol face a face...

– Devemos proclamar a verdade! – defende Astenor, que já se tornara um verdadeiro seguidor do Evangelho, da Boa Nova.

– Nunca! – solta um grito nervoso.

– Mas você não acaba de dizer que Ele é o enviado? – indaga Astenor.

– Sim, sim... – diz, confuso. Mas... Não posso perder o que tenho! Que fazer? Tornar-me mendigo?! É isso que você quer? – fala, irritado.

– Poderemos trabalhar com nossas mãos! – fala Astenor. Se estivermos com Deus, que mal pode nos acontecer?

– Não, não! Até admito perder minha riqueza, mas... e minha posição social? Todos me reverenciam. Se virar um mero seguidor, terei que tratar a todos como iguais! Você já pensou nisso?!

– Sim – responde tranquilamente – e isso é maravilhoso. Afinal, não somos todos filhos de um mesmo Pai?

– Não aceito! Isso eu não aceito! Sei que é verdade, mas não consigo... Não quero seguir o profeta... de Deus.

– Pois eu o seguirei. Segurei Jesus! – fala Astenor, de forma tranquila.

– Você?! E como ficarei?

– Caso você queira continuar como está, morarei em uma cidade distante. Minha conversão é um fato consumado, mas não quero lhe trazer problemas.

Eclésio tem um acesso de fúria. Levanta-se para agredir Astenor, pois nunca aceitou ter seu poder contestado ou diminuído. Ao levantar o braço para bater em Astenor, tem um ataque cardíaco fulminante. Cai morto.

Neste momento, observamos que Eclésio se contorce da mesma forma que vimos suas contorções na tela, ocorridas há dois mil anos... Eurípedes faz com que ele, pouco a pouco, retorne a sua consciência

normal. Ele está banhado de suor, pálido, abatido. Após sentar-se, Eurípedes pede que ele compartilhe sua compreensão conosco.

– Que estúpido eu fui! Não seguir o Cristo, sabendo que Ele é o enviado de Deus, por causa da minha posição social no mundo!? Quem se lembra de mim?! De que valeu meu apego doente ao respeito do mundo?! E para que a lição fosse mais clara, eu tudo perdi. Perdi por nada! Como tudo poderia ter sido diferente... – diz, chorando.

– Acalme-se, amigo. É preciso aprofundar mais suas vivências, para melhor ajudá-lo.

Eurípedes pede que ele se deite mais uma vez e diz:

– **Sabemos que a chegada do Consolador ao mundo, enviado por Jesus, equivale ao renascimento do cristianismo verdadeiro.** Vamos relacionar o Consolador com o cristianismo primitivo. Peço a todos que se concentrem, para continuarmos com a aula.

Neste momento, apresenta-se Astenor que, por meio de muitas vidas abnegadas, conquistara grande evolução. Abraça Eclésio e, junto com Patrícia, o leva ao plano superior em que habita.

Agora, é Patrícia quem transmite o que acontece para os alunos.

Ao chegar, Eclésio desperta, deslumbrado. Nada pode descrever a beleza de um mundo superior. Nada. São cidades de extrema beleza, avenidas iluminadas artisticamente, casas que podem se mover para acompanhar as estrelas ou as luas, escolas em que os alunos, Espíritos evoluídos, discutem e pesquisam a origem do universo. Há viagens a galáxias distantes e a conquista da felicidade, de forma cada vez mais profunda. Não há transtornos, não há brigas, não há mágoas ou mentiras. Todos se amam verdadeiramente...

Eles param em um lindo jardim, o atravessam e, ao se aproximarem da entrada da casa, a porta se abre. Entram. Tudo é belo e harmônico. Passam por uma linda sala. Eclésio tudo olha, deslumbrado. Caminham para um dos quartos da casa e, de repente, Eclésio para e lê um nome em uma das portas. Espanta-se. Lê mais uma vez, atentamente... Chora. Olha para Patrícia e aponta para a bela placa, em que está escrito: **ECLÉSIO. Ano 30.** Há quase dois mil anos aquele amigo o espera! Dois mil anos! Eclésio e Astenor se abraçam.

Ante a cena, todos os alunos choram. **Quem poderá saber o real valor de uma verdadeira amizade?**

Eclésio, Astenor e Patrícia retornam para a sala de aula. Astenor e Eurípedes comunicam-se vibratoriamente. Astenor se despede de todos com um olhar, que transmite uma paz profunda.

Eclésio, que foi adormecido para o retorno para a sala, acorda. Ao abrir os olhos, Eurípedes pede que ele compartilhe com todos a experiência de sua última encarnação como líder espírita.

Ele respira fundo e começa:

– Hoje, graças à misericórdia de Deus e ao amparo de Astenor, dos professores e de Eurípedes, tenho dimensão do que significa ser cristão. Sei que todos somos amados. Também sei que devemos fazer por merecer a paz daqueles que se tornaram dignos seguidores de Jesus. O primeiro passo é confessar. Somente assumindo as próprias imperfeições podemos superá-las. E esse foi o meu primeiro erro.

**Estava tão interessado em manter minha posição de dirigente espírita que nunca cuidei seriamente de minha espiritualização. Pelo contrário, escondia meus defeitos, apontava os defeitos dos outros.** Fugia de mim mesmo e acusava os outros! Quantas fofocas ainda existem no movimento espírita! Quanta maldade, porque muitos não querem enfrentar os próprios erros! Preferem acusar, caluniar e disputar cargos e tarefas vaidosas. Ajudei a transformar o atual movimento espírita em um movimento farisaico. Graças a mim, os falsos profetas do poder têm ampla aceitação no movimento! Ensinei a avaliação por critérios exteriores. Quando se tem uma multidão, significa que tudo está certo! Foi isso que eu ensinei. Mas quem diria que encontrei o Cristo, cercado por poucos discípulos e, mesmo assim, ele curou minha mulher?! Eu ensinei que o bom palestrante é o que dá muito público, independente do que fale... O bom livro é o que vende... E o bom centro espírita é o que tem centenas de pessoas... Critérios exteriores criados por mim, que continuo sendo um... fariseu, negador de Jesus!

Neste momento, grossas lágrimas escorrem dos seus olhos, mas ele prossegue:

– Há dois mil anos traí o Cristo, e há duas décadas o traí novamente! – conclui Eclésio, cuja emoção o impede de continuar a falar.

– Perguntas? – indaga Eurípedes.

– Como o nome “Eclésio” estava na porta, se em cada encarnação se muda de nome? – pergunta Astrobrito.

– Antes de cada encarnação, Astenor convida Eclésio para visitá-lo e para alterar o nome sem, contudo, mudar a data – responde Eurípedes.

Em seguida, Barsanulfo orienta:

– Peço agora que leiam a síntese da história espiritual de Astenor, que será disponibilizada a vocês, e projetem como poderia ter sido a história espiritual de Eclésio, caso ele tivesse se tornado um espírita sincero em sua última encarnação.

Astenor o teria acompanhado de perto em suas realizações espíritas, mas ele optou por servir a Mamom, mais uma vez. Imaginem como teria sido seu desencarne. Preparem uma encenação com a vida que ele teve e com a que ele poderia ter tido.

Eurípedes encerra a aula, orientando os dois grupos de alunos a visitar os dirigentes espíritas encarnados e apresentar a peça gravada. Com Eurípedes, tem sempre prática. Ele é cristão.

## A REVOLUÇÃO SOCIAL CRISTÃ

**F**elipe adormece, sai do corpo com tranquilidade e encontra Gabriel, ao lado de seu corpo físico.

— Que bom ver você aqui! – exclama Felipe, feliz.

— Vamos, temos pouco tempo! Quero lhe ajudar com Avelino. Hoje é um dia decisivo para ele. Vai haver uma grande festa.

— O carnaval fora de época?

— Exatamente. E hoje os líderes das trevas vão organizar as atividades de vampirização. Um dos vampiros de Avelino vai pedir ajuda para desencarná-lo, pois sente que vai perdê-lo.

Felipe mal acredita no que ouve e pergunta:

— E eles podem fazer isso?

— Sozinhos, não. Mas o problema é que Avelino está muito envolvido por eles e alimenta pensamentos suicidas. Vamos, depois lhe explico tudo – conclui Gabriel.

Partem. Vão observar a reunião.

— Muitos suicídios “nascem” aqui – explica Gabriel. No futuro, estudaremos esse problema do ponto de vista dos encarnados, para tentar mostrar o quanto o “caminho da alegria” pode ser trágico. Por ora, vamos nos ocupar com Avelino.



Felipe escuta tudo, em silêncio. Não podem ser vistos pelos Espíritos inferiores.

— O plano foi traçado – explica o obsessor de Avelino. Vamos providenciar uma semana de muitos aborrecimentos. Durante a festa, quando ele estiver totalmente bêbado, vou “convencê-lo” a se divertir, dirigindo em alta velocidade. Nesta hora, eu projeto em sua mente os aborrecimentos. Sei que vou convencê-lo de que a vida não vale a pena! Em poucos segundos, ele vai jogar o carro no poste... E aí eu pego ele! – conclui, gargalhando.

Após ouvir esta história, Felipe e Gabriel saem.

— Tudo isso é possível? – pergunta Felipe, impressionado.

— Sim, Felipe. O que, no mundo, se chama de “diversão” é, muitas vezes, autodestruição...

— O que faremos? Como vamos impedir isso? Eles são muitos, não podemos lutar contra eles!

— Nosso dever não é “lutar” contra ninguém. Vamos ajudar todos, inclusive Avelino. Porém, a decisão final será dele. Se ele não nos ouvir, dificilmente escapará! – conclui Gabriel.

— Como poderemos ajudá-lo?

— Ouça! Amanhã você deverá falar da vida espiritual para ele. Não se preocupe, pois vocês se aproximarão, naturalmente. Uma coisa é muito importante: fale da vida espiritual e da responsabilidade que temos em cuidar do corpo, vivendo em equilíbrio. Você fará isto? – indaga Gabriel, com seriedade.

— Sim, mesmo que ele me chame de esquisito! Prefiro isso, a vê-lo se destruir sem que eu, pelo menos, tente ajudá-lo.

— Providenciarei para que você se lembre de tudo. São duas e quinze. Vamos para nossa aula. É importante auxiliar e se auxiliar – conclui Gabriel.

Entram. Sobem até o quarto andar. No último lance de escadas, Felipe sobe em silêncio, sentindo suas dores. Gabriel acompanha-o, em silêncio. Às vezes, é apenas isso que precisamos: de um amigo que, silenciosamente, nos acompanhe. Sentam. Os alunos do primeiro andar também estão em silêncio. A aula dos alunos do primeiro andar será no jardim do colégio. Haverá a observação de outra sociedade.

— Estudaremos a relação entre o Evangelho e as sociedades mais

avanzadas do que a Terra com nosso amigo Cairbar Schutel. Ele é um dos maiores estudiosos do Evangelho no movimento espírita – explica o professor José.

A energia que Cairbar transmite é intensa e vibrante; sua presença nos enche de alegria. Cumprimenta a todos, silenciosamente, e pede que façamos um exercício espiritual, que ampliemos nosso vínculo fluídico com o Cristo. Orienta que imaginemos o Cristo e que se abramos o coração para dele recebermos energias curadoras. A sensação de paz é espetacular. “Vou fazer isso sempre!” – pensa Felipe.

— Essa é nossa prece inicial. Sabemos que a Terra não é o único planeta habitado no universo. Atualmente, cientistas materialistas – os poucos que ainda existem – admitem essa realidade ou, pelo menos, essa possibilidade. O objetivo de nossa aula é entender a relação entre a escala evolutiva dos mundos e a missão do Cristo na Terra. Iniciaremos com a observação de uma civilização mais avançada do que a nossa – fala Cairbar.

A empolgação toma conta de todos. Observar a vida em um mundo evoluído!

— Vamos observar a vida em Saturno, um planeta mais evoluído do que a Terra, embora ainda não seja a representação de um mundo celeste. Utilizaremos este poderoso aparelho, capaz de captar não apenas as características gerais do planeta, mas também as imagens do dia a dia de sua população – diz Cairbar, apontando para um aparelho, ao seu lado, que é um tipo de telescópio, acoplado a uma tela muito ampla.

Em poucos instantes, ele começa a transmitir imagens de Saturno. O espanto é geral! Sua beleza é estonteante. A sociedade é organizada e bela. Não há miséria, as pessoas são serenas. Seus rostos expressam tranquilidade e confiança. Parecem não saber o que é violência, medo ou tristeza. Não há correria, nem desordem. Vemos seus imensos laboratórios, em que equipes conduzem experimentos, com o objetivo de aprofundar a compreensão do universo. Em um deles, Espíritos testam métodos de comunicação telepática, com seres de diferentes sistemas solares. As escolas nada parecem com as nossas, da Terra; crianças meditam antes das aulas de ciências, para obterem um melhor apren-

dizado. Todo ensino é prático, e tem um objetivo real de trazer algum bem à sociedade.

As cenas são acompanhadas das explicações do professor. Após alguns minutos, a transmissão é encerrada. Cairbar indaga:

— Qual a relação entre o que observamos e a missão do Cristo na Terra?

— Não vejo nenhuma relação – afirma Astrobrito, após observar o silêncio do grupo.

— Este é o problema do movimento espírita encarnado. Os espíritas encarnados, obviamente com raras exceções, não entendem que a missão de Jesus é a transformação social da Terra. De tanto repetirem o discurso da caridade, acostumaram-se a não refletir no significado mais profundo, no significado *real* da caridade.

Vejamos o exemplo de Jesus. Quantas vezes o Mestre nos orientou, dizendo que a doação da esmola seria o suficiente para a transformação social profunda? Quantas vezes ele afirmou que apenas bastaria orar regularmente para alcançar o Reino dos Céus? Quantas vezes ele nos falou que bastaria a execução de um ritual, para que estivéssemos aptos ao Banquete dos Eleitos?

— Mas Jesus não contou a parábola do bom samaritano, como modelo da caridade? –indaga Romildo, visivelmente abalado com os comentários do professor.

— É verdade. A parábola do bom samaritano é o modelo da verdadeira caridade, mas o que ela significa? O modelo da ação do bom samaritano não significa simplesmente que devemos, em um dado momento da vida, em um dia de boa vontade, amparar alguém para alcançar real evolução espiritual. O problema é que muitos querem interpretá-la assim: basta uma vez ou outra fazer uma boa ação, como o bom samaritano e, segundo pensam, tudo está resolvido! Obviamente, isso não é verdade. Os problemas humanos são muito mais profundos. Teria errado Jesus, ao contar essa história? Penso que não. O erro, como muitas vezes acontece, está em sua interpretação.

Vamos aprofundar essa compreensão. Primeiro, é preciso observar o que Jesus ensina. Quando os religiosos passam e não acolhem o irmão caído, porque estavam ocupados, não é porque não praticassem o bem. Como religiosos formais, eles praticavam o bem apenas em

determinados momentos, e não como uma regra da vida. O samaritano não era um religioso formal; na verdade, era considerado não-religioso, mas adotou o bem como regra de vida, e não como uma atividade a mais. Nisto está o grande equívoco do movimento espírita atual. Agem como religiosos formais, e não como cristãos!

Vemos espírita-cristãos que atuam profissionalmente de maneira prejudicial para a sociedade e, no fim de semana, doam uma ou duas horas de seu tempo; assim, pensam garantir sua entrada no Reino dos Céus. Como podem pensar assim?! Eles pensam dessa forma porque se condicionaram a se enganarem, desde antes da época do Cristo. Ser o bom samaritano não é apenas se doar em poucas horas, durante a semana. É viver de tal forma que todos os dias, todos os minutos, estejamos contribuindo para a paz e para a melhoria social. Eis a missão de nosso Mestre: tornar-nos grandes, por sabermos servir sem limites ao próximo. Este é o modelo do samaritano!

Todos estão espantados. Caridade, para os participantes, era atividade de fim de semana ou de fim de dia, e olhe lá. Durante a maior parte do tempo, era a luta do “vale tudo”, sempre com as velhas desculpas das necessidades materiais.

Eclésio levanta a mão e pergunta:

— Pensando assim, o espírita deveria, por exemplo, optar por um trabalho que gerasse mais bem social, em vez de um que não contribuísse para a sociedade, mesmo que assim ganhasse menos?

— Não se pode servir a Deus e às riquezas – responde Cairbar, com firmeza, e continua. A missão geral dos espíritas é contribuir poderosamente para a transformação social, e não se utilizar dos recursos, que, muitas vezes, colocamos em suas mãos, para se tornar mais um opressor dos simples, mais um explorador dos fracos, mais um “líder” religioso, repleto de vaidade e ignorância. Não! Ao cristão verdadeiro cabe servir, servir sempre!

Se for rico, se desenvolveu a inteligência, se herdou facilidades, que não se iluda: austeras contas prestará a Deus. Não se engane com algumas ou muitas doações. Muito mais é esperado dele. Deve servir com a alma, com os recursos que tem e, acima de tudo, com o coração. Sem medidas de vaidade, sem falsa humildade. A vida corporal, para quem crê no Cristo, é um instante precioso para provar seu amor a

Deus e para construir uma sociedade melhor. As análises petulantes, os discursos longos e vazios geram sempre as tristezas da decepção espiritual e, tantas vezes, a loucura por terem sustentado uma máscara tão falsa, em favor de sua comodidade.

As palavras de Cairbar são fortes e verdadeiras. Como contestá-las? Não é a realidade dos participantes do curso a prova viva do que ele afirma? Após uma pausa, ele pergunta:

— Como sair disso? Como superar esse ciclo vicioso da falsa santidade, da aparente elevação, da acomodação e da covardia doentia?

“Devoção real” – pensa Felipe.

— Nunca pensei que deveria ter direcionado minha vida ao ideal do Cristo. Achava que participar das atividades espíritas era suficiente – fala Romildo.

— Não basta, diz Cairbar. Obviamente, cada um deve ter sua ocupação profissional, mas o que eu coloco é o seguinte: por que, dentro de sua área de vocação, o espírita não opta pela profissão em que pode melhor servir à sociedade? Por que não dá provas de desinteresse material, servindo mais e ganhando menos? Não se constrói uma sociedade harmônica apenas com pregações. É necessário trabalho árduo, abnegação, solidariedade. Vemos empresários que se dizem espíritas, porém do que diferem dos materialistas? Não teria algo errado com isso? Observamos médicos que não sabem o que é abnegação, que não se utilizam dos recursos espirituais em seu dia a dia, mas, por irem uma vez por semana ao centro espírita, dizem-se espíritas e acreditam estar cumprindo com suas missões. Será que estão? E a quem caberá transformar profundamente a sociedade atual? Aos ateus? Aos religiosos profissionais?

Como atingiremos uma compreensão profunda do cristianismo vivendo como materialistas? Como serviremos a Deus priorizando Manon? Nossas palavras não são simples condenação, elas são um grave alerta. É possível transformar a Terra. Na verdade, a Terra se transformará de qualquer forma, mas, como na Parábola da Festa de Casamento, só poderá participar dessa transformação aqueles que tiverem vivido o sacrifício de melhorar o rude mundo da matéria densa. Ninguém usufruirá do que não cultivou. A hora é chegada em que novos servidores serão enviados e aqueles que pensam enganar a

Deus com suas “belas desculpas” terão de, muito em breve, vivenciar desilusões profundas.

Após um breve silêncio, propõe:

— Vamos nos organizar em duplas. Cada um auxiliará a regressão de memória do outro. Regridam para o momento do planejamento reencarnatório anterior ao seu primeiro contato com o cristianismo no mundo.

— Não sei como fazer – diz Rivalina.

— Você está aqui para aprender, minha amiga. É preciso que você pratique aqui. Em sua próxima encarnação, a regressão será prática comum nos centros espíritas bem orientados. Instituiremos o estudo do planejamento reencarnatório para os trabalhadores de verdadeira boa vontade. O Cristo fez isso com todos os seus discípulos e com muitos outros que não o seguiram diretamente. O Mestre revelava, com naturalidade, a missão dos indivíduos na Terra. Não parece óbvio que, quando se conhece a própria missão, é mais fácil cumpri-la? Kardec e Eurípedes adotaram a mesma prática. Coragem! O medo descontrolado nos afasta de Deus. Eu vos auxiliarei com a técnica, mas será a sua vontade que impulsionará o seu colega de dupla a relembrar esse momento específico do passado – explica o professor.

Eclésio, para ajudar Rivalina, propõe que ela comece vivenciando a regressão, para depois realizá-la.

Sob a orientação de Cairbar, Eclésio e Astrobrito fazem uma prece silenciosa, impõem as mãos sobre todos e mentalizam energias relaxantes, envolvendo seus colegas. Após alguns minutos de aplicação fluídica, Eclésio e Astrobrito captam as orientações telepáticas de Cairbar e as reproduzem.

— Respire fundo – fala Eclésio para Rivalina. Respire fundo, você está segura. Aqui você poderá revelar-se, pois todos lhe respeitam e desejam verdadeiramente lhe auxiliar.

Ao ouvir essas palavras, que expressam a sinceridade de coração de Eclésio, Rivalina entra em um estado mais profundo de consciência, sorri e apenas responde:

— Está bem.

— Vamos agora lembrar sua programação reencarnatória... – continua Eclésio.

Rivalina concorda, acenando com a cabeça.

— Conte-me: como você estava antes de reencarnar para ter o primeiro contato com o cristianismo no mundo?

Após alguns instantes de silêncio, Rivalina fala:

— É lindo!

— O que você está vendo? – pergunta Eclésio.

— Vejo uma imagem... A imagem do Cristo! – responde, com emoção.

— Como é essa imagem? – incentiva Eclésio.

— É uma figura bela. Dizem-me que Ele estará assim no período em que eu o encontrar...

— Quem lhe diz isso?

— Meu instrutor... É... Ele é meu instrutor reencarnatório.

— Como ele se chama?

— Astenor.

— O que ele lhe fala sobre a encarnação que você terá?

— Ele me explica que terei uma oportunidade única... Apenas uma vez, em muitos milênios, temos uma oportunidade como a que terei.

— Qual o seu objetivo para esta encarnação?

— Cristianizar-me. Tornar-me cristã.

— Em que momento de sua encarnação você terá contato com o cristianismo?

— Estarei com trinta anos... Ah... Estarei viúva. Meu esposo desencarnará de um acidente... Poucos anos antes de eu conhecer o cristianismo...

— E como você deverá conhecer a mensagem de Jesus?

— Eu...Eu encontrarei com Jesus! Ele passará por minha cidade e eu conversarei com ele sobre minha tristeza e minha sensação de abandono...

Nessa altura da regressão, Eclésio sente interesse em pedir que ela conte como foi o encontro com o Cristo. Captando seus pensamentos, Cairbar concorda com sua ideia.

— Avance no tempo. Conte como foi seu encontro com Jesus no mundo material.

— Estou em casa, sentada e olhando o movimento pela janela. Estou triste...

Nesse instante, Rivalina começa a chorar, mas prossegue com seu relato:

—Sou viúva há dois anos. Não tenho filhos. Tenho fortuna, mas minha vida é solitária. Escuto o barulho da multidão, agitada. Peço informações a meus empregados. O que estaria acontecendo? Judite explica que a cidade será visitada por um homem maravilhoso. Muitos dizem que Ele é o enviado de Deus. “Tolice!”, penso. Mas Judite fala dele com tanto amor, que me impressiono e pergunto: “Você O conhece?” Ela responde: “Conheço seus ensinamentos e sei que Ele curou minha prima, há mais de um ano... Quando Ele a curou, ela estava à beira da morte. Os sábios que a trataram, nada conseguiram. A família já não tinha mais esperança.” Essa história despertou meu interesse. Resolvi ir e observar de longe aquele novo mago. Vesti-me discretamente, e fui para a entrada da cidade. Fiquei em um lugar alto para que pudesse vê-lo, queria observar se Ele faria algum milagre. Permiti que Judite me acompanhasse...

— Como foi seu encontro com Jesus? – pergunta Eclésio.

— Eu estava na entrada da cidade. Vi-o andando. Ele parou, olhou para mim e disse: “Hoje verás a grandeza de meu Pai: muitas curas se realizarão; mas não te esqueças, a principal cura é a cura da alma. Só o amor cura as feridas profundas, que muitas vezes se escondem em corpos saudáveis.” Sinto um abalo intenso ao ouvir essas palavras.

— E o que aconteceu?

— Houve muitas curas...

— Você teve outro encontro com Jesus? – pergunta Eclésio, que tem por tarefa explorar o encontro de Rivalina com o cristianismo.

— Sim.

— Como foi? – estimula Eclésio.

— À noite, soube que Ele estava na casa de um rico comerciante, meu conhecido. Resolvi ir vê-lo.

— Como foi esse encontro?

— A presença do Cristo é surpreendente. Em um momento, assemelha-se aos homens; em instantes, conseguimos ver seus traços divinos... Quando silencia, é capaz de nos emocionar, apenas com sua presença. Quando nos olha, sabemos que vê todos os nossos sentimentos e, ao mesmo tempo, nos sentimos aceitos e amados... Quando



Ele fala, é como se cantasse a melodia mais suave. Quando sorri, sentimos uma alegria infinita a invadir nosso coração... Seu sorriso é capaz de nos fazer esquecer todas as dores.

Quando consegui aproximar-me dele, perguntei como poderia vencer a tristeza de meu coração, ao que Ele respondeu, trazendo o seguinte ensinamento: “O coração do ser humano deve pertencer ao Pai. Quando ele o entrega, sem pedidos e exigências, Deus o torna repleto de paz e de abundância. Quando o ser deseja primeiro provas e garantias, torna-se vítima das impurezas e das tristezas torturantes do medo e do desejo material. Somente a doação desprendida a Deus purifica o ser e o torna feliz.” Ao ouvir isso chorei, pois entendi a profundidade do que Ele falava. Acima de tudo, sentia a verdade de cada palavra que ouvia.

— O que aconteceu depois?

— Fui para casa, decidida a mudar plenamente.

— Você mudou?

— Não... – diz, com voz dolorida.

— O que aconteceu?

— No dia seguinte, fui visitada pelos sacerdotes...

— E o que fez você mudar de opinião?

— Eles convenceram-me... Convenceram-me a não mudar...

— Como?

— Falaram que os cristãos eram pobres miseráveis, que eu acabaria na miséria... Que ninguém defenderia uma viúva cristã!!!

— E você, como reagiu?

— Eu temi... Não queria perder o que tinha... Sentia-me frágil...

Após um longo silêncio, Rivalina afirma:

— Eu cedi! Afastei a lembrança do Cristo. Tornei-me uma servidora e uma grande doadora do templo. Não queria perder o que tinha! Nem meu dinheiro, muito menos minha situação social respeitável. “Ele, Jesus, me entenderá” – era o que eu pensava, para acalmar minha consciência...

Nesse instante, Eclésio é intuído a finalizar a regressão. Rivalina é despertada lentamente e orientada para que mantenha a lembrança integral de tudo o que falou.

— Todos precisamos aprender a aceitar nossos erros e buscar a verdade – explica Cairbar.

Como expressão artística, foi proposto que cada um pintasse um quadro, representando seu primeiro encontro com o Cristo. A apresentação das experiências foi uma lição comovedora, com histórias belas e amargas. O Cristo nos ama e nós temos nos recusado a amá-lo, ao longo dos séculos.

Como prática, o professor os orienta a acompanhar o embarque de alguns espíritos para um outro mundo. Não mais poderiam reencarnar no orbe terreno. Uma experiência difícil até para descrevermos. Momento chegará em que todos conheceremos, com detalhes, esse processo educativo.

## A QUEDA DE PEDRO

Felipe acorda com a nítida lembrança do que viveu. Seria capaz de desenhar todos os quadros que viu na aula. Arruma-se e vai para o colégio. Na entrada, encontra, sem querer, Avelino.

– Tudo bem? – fala Avelino.

– Oi! Como você está? – indaga Felipe.

– Mais ou menos, mas este fim de semana vai ser radical! Não quero nem saber, vou tomar todas!

Neste instante, Felipe se lembra da “reunião” a que assistiu com Gabriel Delanne.

– Você tá bem? – pergunta Avelino ao ver Felipe, pálido.

– Tô sim. É só sono...

– Também não dormi direito. Sonhei com umas coisas estranhas.

Toca a campainha, dando início às aulas. Vão até a sala e se despedem.

Felipe não consegue se concentrar direito. “O que posso fazer?” – pensa, um tanto angustiado. No intervalo do recreio, Avelino, intuído por Aureliano, seu guia espiritual, procura Felipe para conversar:

– Tô com uns filmes legais lá em casa, se quiser lhe empresto.

– Que filmes? – pergunta Felipe, buscando uma “brecha” para ajudar o amigo.

– Tem uns de terror que são radicais – comenta Avelino, empolgado.

– Vai ver são eles que lhe dão pesadelos! – fala Felipe, descontraído.

– Será? – pergunta Avelino, que nunca tinha pensado nisso.

– Na verdade, acho que não. Eu acredito que quando dormimos, saímos do corpo... – fala Felipe e pensa “que Pai Joaquim me ajude!”.

– Cara, que história maluca! – fala Avelino.

“Deu errado...” – pensa Felipe.

– Mas eu acho que já vivi isso. Uma vez me vi na cozinha. Tinha uma mulher linda, mas que depois virava um mostro deformado...

“Acho que deu certo...” – pensa Felipe, aliviado.

– É possível sim, Avelino. – fala Felipe, empolgado.

Felipe explica então a Avelino o que é o mundo espiritual, de forma que conversam durante todo o recreio.

– Cara, eu queria saber mais sobre isso. – fala Avelino, quando estão voltando para a sala de aula.

– É só ler **O Livro dos Espíritos**, que está na sua prateleira – fala Felipe, empolgado e com alívio no coração.

– Mas... como você sabe?! – pergunta Avelino, espantado.

Chegam na sala. Avelino olha para Felipe, esperando uma resposta.

– É coisa de Espírito... – diz, brincando.

Avelino continua olhando para Felipe, esperando uma resposta.

– Depois da aula lhe explico. E à noite nos falamos pela internet. Combinado?

– Certo.

Avelino está intrigado. Felipe está sem saber o que responder. Pai Joaquim e Aureliano ficam felizes. Este é o gancho para a conversa da noite, que eles planejaram. Deu tudo certo.

Depois do **Culto do Evangelho no Lar**, Felipe conecta-se. enquanto Avelino já está conectado, lhe esperando. Tem muitas perguntas a fazer.

Conversam muito sobre a vida espiritual. Felipe conta o que leu sobre vampirismo e Avelino pergunta como saber se ele está sendo “vítima” de Espíritos obsessores. Felipe explica:

– Frequentemente, nos casos de obsessão, a pessoa se sente deprimida sem motivo. O comportamento se altera sem razão. Ela tem

muitos pesadelos ou medo de dormir, pois, quando dorme e sai do corpo, encontra Espíritos que lhe atacam. Algumas vezes, ouve vozes ou pensamentos estranhos invadem sua cabeça. Esses Espíritos também tentam impedir que a pessoa ore com fervor e também que ele estude e se esclareça.

– Ah. Então é por isso que, toda vez que penso em ler **O Livro dos Espíritos**, acontece alguma coisa – comenta Avelino e, com isso, lembra-se da sua pergunta anterior.

– Como você sabia que eu tenho **O Livro dos Espíritos** em casa? – Felipe pensa um pouco e responde:

– Estive em sua casa em espírito e vi o seu livro.

– É verdade?! – indaga Avelino, intrigado.

– Sim. E, para ser sincero, tem mais uma coisa. Você quer saber?

– Claro!

– Tem certeza?

– Tenho sim, pode falar.

– Acredito que você está com sérios problemas espirituais – fala Felipe, com cuidado, pois não quer assustar o amigo.

– Você acha? Por quê?

– Primeiro: observe o que você está sentindo.

– É verdade. O que mais?

Felipe pede inspiração a Pai Joaquim, pois sabe que não ajudaria nada apavorar o amigo.

– Sinto que você deveria se cuidar mais espiritualmente, para que não aconteça nada de ruim com você.

– Mas vai acontecer alguma coisa ruim?

– Não. Não é para acontecer. Mas você precisa muito se cuidar. Se não, pode acontecer.

Avelino está intrigado com tudo aquilo.

– O que eu devo fazer?

– Orar com sentimento sincero, pedindo ajuda dos bons Espíritos e do seu anjo da guarda. Ler com atenção **O Livro dos Espíritos**. Fazer o Evangelho no Lar.

– Isso eu não sei fazer. Como é esse “Evangelho no Lar”?

– Eu lhe ensino. Posso ir aí amanhã, na sexta?

– Amanhã eu vou pra festa! – fala Avelino, com convicção.

– Se eu fosse você, não iria. Você sabe que depois vai ficar aquele vazio e aquela tristeza, não é? – argumenta Felipe.

– Mas eu vou na sexta na festa e aí na segunda fazemos o Evangelho. Que tal?

“Que situação”, pensa Felipe. “O que eu faço?”. Aureliano se aproxima de Felipe e o inspira.

– Avelino... Acredite ou não, mas eu vou lhe dizer. Desta festa você não volta. Se eu fosse você, leria o livro **Renúncia** em vez de ir se destruir, mas a vida é sua. Eu só quero lhe ajudar.

– Ei!!! Como você sabe desse livro também?! Felipe está desconcertado. Pai Joaquim sorri.

– Avelino, eu já lhe falei...

– Agora eu acredito! Não tenho como duvidar. Tô sentindo umas coisas estranhas.

– Avelino, vamos orar! Vamos fazer uma prece e a leitura do Evangelho. Depois vamos dormir e amanhã vou aí para conversarmos. Pode ser?

– É... Pode. Vou esquecer este carnaval...

Leem o Evangelho e oram. Aureliano e Pai Joaquim coordenam a imensa equipe, que agora vai iniciar a “limpeza” do quarto de Avelino. O trabalho durará a noite e o dia seguinte. Será concluído durante o Culto do Evangelho no Lar. Soubessem os encarnados um terço da importância do Evangelho no Lar, e nunca viveriam sem cultivar as luzes do Cristo em suas casas. Felipe dorme Feliz. Vitória espiritual! A única que tem valor eterno. Pai Joaquim beija-lhe a testa. Aureliano e Pai Joaquim se abraçam.

– Parece que os jovens espíritos vão mudar a Terra! – diz Aureliano.

Sem saber, Felipe conquistou uma amizade por toda a eternidade. Um dia, quando mais precisar, Aureliano, Espírito de elevada condição, estenderá sua mão ao jovem Felipe. Seja onde for, ele estará ao lado de Felipe, quando ele mais precisar.

Ao adormecer, Felipe se encontra com Ivan.

– Que bom lhe ver! – fala Felipe.

– Parabéns por seu primeiro socorro! – comenta o amigo.

– Obrigado! – responde Felipe, que não estranha mais Ivan saber das coisas.

– Um dia você aprende a se manter informado, sem precisar de tanto tempo – explica Ivan.

– Eu?! Um dia vou saber de tudo que se passa, assim como vocês?

– Claro! Não existe privilégio: existe conquista, meu amigo. Hoje teremos uma palestra muito especial. Tanto pelo expositor, como pelo significado simbólico de sua presença – explica Ivan.

– Quem é? E qual é o significado? – pergunta, curioso.

– Você já ouviu falar de Pedro?...

– Pedro? Que Pedro? O apóstolo de Jesus?!

– Sim.

– Um apóstolo do Cristo! Eu vou ver um apóstolo de Jesus de Nazaré!

– Vamos. Mas sem foto e sem autógrafo! – brinca Ivan. Devemos abrir nossos corações para que as impressões superiores fiquem gravadas para sempre – orienta o amigo espiritual.

– Vamos!!! – diz Felipe, empolgadíssimo.

Chegam ao jardim do Colégio Allan Kardec. Encontram amigos e conversam animadamente naquele ambiente de elevada beleza. A beleza desempenha uma extraordinária função na recuperação de Espíritos atormentados, bem como auxilia o desenvolvimento espiritual de todos.

Trinta minutos antes do início do diálogo, todos vão ao anfiteatro. É a aula de conclusão do curso: Cristo e mediunidade. Ali estão nada menos que dois mil estudantes. Patrícia está sentada, junto à mesa que fica em frente ao auditório. Ao lado dela, duas cadeiras vazias. Ela está em silêncio. Cabe-lhe manter a harmonia, com a ajuda de todos.

Eurípedes Barsanulfo entra, caminhando com tranquilidade, e, ao seu lado, uma figura diferente, simples e deslumbrante. Será ele? Uma agitação percorre o auditório e, ao perceber que isso poderia desconcentrar a todos, Patrícia pede:

– Mantenhamos o ambiente de paz e de prece. Em trinta minutos começaremos.

Todos se acalmam. A harmonia do ambiente é deslumbrante. O professor e o convidado cumprimentam Patrícia e sentam, silenciosos. Decorridos trinta minutos, José, que está na plateia, levanta-se, dirige-se à frente e anuncia:

– Hoje temos a honra de receber, em nossa escola, um velho amigo da Humanidade: o pescador de Cafarnaum, Simão Pedro. Esse amigo, como faz questão de ser chamado, vem nos falar da vida de nosso amigo divino, Jesus de Nazaré. Pedro é o exemplo do apóstolo abnegado e sincero, que nunca negou suas deficiências, nunca escondeu suas quedas morais, nunca fingiu ser “evoluído – para usar uma expressão espírita – como tantos fazem ainda hoje. Já lhes previno para não se assustarem com a simplicidade e com a sinceridade desse Espírito, que tantas vezes revelou-se a si mesmo para curar suas feridas morais e para auxiliar-nos a melhor entender o caminho que ensina Jesus: simplicidade, amor, humildade. Vamos acolhê-lo, acompanhando a prece de Patrícia.

José se senta e Patrícia se levanta. Todos elevam o pensamento enquanto ouvem sua oração:

Pai do universo e de todas as formas de vida, somente sentindo o Seu amor por todos os seus filhos podemos entender a presença desse amigo abnegado entre nós. O amor desconhece fronteiras sociais, culturais e espirituais; por isso, apesar de nossos erros por meios diversos, poderosamente o Senhor nos diz: “Meu amor é infinito! Levantai-vos, vós que estais caídos; erguei-vos, vós que lamentais. É hora de vida, a colheita está próxima: trabalhai e sereis felizes”.

Patrícia está banhada em lágrimas. **Durante a prece, percebeu o que significava a presença do apóstolo junto a Eurípedes no Colégio Allan Kardec: é o início da última etapa do trabalho cristão no mundo, pois a presença de Pedro significa a vinda de todos os Espíritos que se cristianizaram, ao longo dos séculos, para atuar diretamente na Terra, encarnando ou guiando os encarnados. É o fim dos tempos da iniquidade, da solidão cruel e da maldade no mundo.** Patrícia identifica os verdadeiros mártires do cristianismo de todos os tempos em sua visão espiritual. De agora em diante, eles atuarão juntos, de forma direta e poderosa.

Por causa disso, os Espíritos inferiores tanto combatem o Espíri-



tismo, pois não querem se transformar e desejam aumentar o número dos que serão transferidos para outros mundos. A Terra será herdada pelos verdadeiros cristãos. Os pacíficos herdarão a Terra.

– Trago a Boa Nova! – inicia o apóstolo. Vocês, como eu, negaram o Mestre.

Essa frase gera um impacto profundo no auditório.

– Não neguem seus erros, amigos e amigas. Eu neguei o Mestre, mesmo tendo sido prevenido. Curei-me, por ser capaz de assumir o erro. Não nos tornaremos anjos negando nossa realidade humana. O Cristo sempre fez questão de enfatizar a necessidade da sinceridade de nossa condição.

Tudo o que disse passa, tem origem maligna. Por que Ele ensinou isso? Porque, muitas vezes, a criatura humana quer ser o que não é. Quer ser perfeita, sem o sacrifício de se aperfeiçoar. É esse desejo doentio que deu origem ao mito do anjo caído; afinal, anjo não cai, sabe voar! – fala Pedro, com bom humor, estimulando a alegria de todos, e continua: O mito do anjo caído é a história simbólica do ser humano que quer ser mais do que é. Quando a Lei de Deus o desmascara, ele se revolta. Não era anjo, era “anjo artificial”. É sobre isso que vou falar: o artificialismo dos cristãos atuais, dos herdeiros do Evangelho.

Após um momento de silêncio, em que parece observar cada ouvinte, Pedro prossegue:

– A maioria dos espíritas atuais estranharia as práticas mediúnicas de Jesus. As regras formais, e não morais, do atual movimento, são contraditórias com a mediunidade ensinada, de forma prática, por Jesus de Nazaré. Nós também nos espantávamos com o exemplo do Mestre. Ele simplesmente *vivia* o bem. Parece pouco, mas não é. Em qualquer questão, seu raciocínio sempre era e é o do Amor.

**Aprendemos com Ele a fazer uma pergunta simples: qual a vontade do Pai?** Ele não temia as barreiras e os preconceitos sociais. Atualmente, no movimento espírita, médicos que conhecem a Doutrina Espírita e a praticam no centro espírita não defendem as ideias espíritas em seu meio. É lamentável! Quantos indivíduos poderiam ter evitado o suicídio se eles tivessem simplesmente expressado os princípios que acreditam? Mães espíritas ensinam aos seus filhos o

egoísmo, “poupando-lhes” uma atividade social ou a prática da mediunidade, quando tantas vezes esse seria o caminho de sua verdadeira salvação... Dirigentes ocupam-se em campanhas de mando e de poder, desperdiçam tempo valioso a ser utilizado para a organização das atividades sociais, para a difusão doutrinária, para o consolo dos milhões de aflitos no mundo. Julgam-se muito importantes para se ocuparem com os sofredores...

Sabemos, em nosso íntimo, que só o caminho da verdade leva-nos à Grande Verdade. Por que fingir tanto? Por que querer ser o maior e sempre ter razão? Por que trair Jesus repetidas vezes, e nunca dar chance para que o Cristo brilhe em seus corações? **O arrependimento sincero é o único caminho que pode nos levar a Deus.** Assumamos sermos Espíritos imperfeitos. O arrependimento e a doação abnegada é o melhor caminho. Qualquer outra conduta é o caminho da ilusão, tantas vezes trilhado por cada um de nós. Muito obrigado por me ouvirem, e desde já coloco-me à disposição para suas perguntas.

O silêncio é geral. Patrícia, para incentivar as perguntas, indaga:

– Qual o maior desafio para o atual movimento espírita encarnado?

– Penso que é a mudança das gerações. **O Cristo, quando no mundo, nos ensinou a cooperação: todos nós, jovens e velhos, ricos e pobres, judeus e não-judeus aprendemos a cooperar por causa da insistência firme de Jesus em quebrar todas as barreiras do preconceito que tínhamos. O movimento espírita atual esqueceu dessa lição do Evangelho.** Digo atual, porque Allan Kardec e Eurípedes Barsanulfo formam modelos cristãos, também, no que se refere à colaboração. Apesar de todo o preconceito da época, muito maior do que o atual, Kardec reunia, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, a alta nobreza europeia e os operários mais rústicos. E anunciava, claramente, que não aceitaria que houvesse qualquer tipo de discriminação social. Além disso, participavam das reuniões mediúnicas jovens de doze anos e senhores de avançada idade. Eurípedes Barsanulfo educou toda uma geração de adolescentes, não apenas para participar de reuniões mediúnicas, mas também para cuidar de enfermos e de doentes mentais.

Infelizmente, esses exemplos estão esquecidos. Vemos espíritas que querem proibir jovens de participar de reuniões mediúnicas. Como

será isso possível? Estariam errados Jesus e Kardec? **Em nome de que autoridade proíbem a mediunidade cristã?** Por tudo isso, preocupamos como o atual movimento espírita receberá a Nova Geração, que tem a missão de renovar não apenas o movimento espírita, mas toda a sociedade terrestre. Preocupa-me que os atuais dirigentes, assim como fizeram os fariseus, continuam a criar regras e mais regras, em vez de vivenciarem a mediunidade segundo o Cristo. Como avaliar o potencial de um jovem, sem que ele participe das atividades espíritas? Como avaliar os frutos, se eles não permitem que a árvore sequer cresça?

Patrícia agradece e pede que outros perguntem. Um senhor idoso levanta-se e indaga:

– Mestre, como vencer meus terríveis desequilíbrios sexuais e ser um espírita sincero? Fui conhecido presidente espírita, e tinha medo que os outros soubessem como eu era. Reprimi-me e só consegui piorar minha situação; quanto mais me desequilibrava, mais máscaras usava para me impôr ao movimento espírita. Como sair dessa armadilha?

Pedro olha para ele com carinho e responde:

– Amigo, nosso Mestre, Jesus, é o único que merece esse título. Existe apenas um caminho: a honestidade. Honestidade significa assumir a existência do problema e tratá-lo. Em seu caso particular, a terapia de vidas passadas teria gerado excelentes resultados. Mas, infelizmente, isso também está sendo combatido por muitos espíritas, como se Jesus não revelasse muitas encarnações e planejamentos espirituais aos que tinham ouvidos para ouvir. **Quem precise fingir para ser aceito em um ambiente, deve mudar de ambiente de atuação. É melhor se tornar um trabalhador apagado e abnegado, do que um líder espírita envolto em trevas.** Quando Jesus ensina que devemos nos confessar uns aos outros, isso significa admitir nossas falhas e fraquezas e buscar ajuda sincera para nos fortalecer. A mentira tem levado à queda de muitos trabalhadores de boa vontade, que não têm coragem de serem sinceros consigo mesmos. Todos os conflitos emocionais têm solução, desde que queiramos. Querer significa aceitar nossas fraquezas e buscar ajuda, por meio da oração e do diálogo honesto.

Uma jovem pergunta:

– Qual foi a sua experiência mais marcante com Jesus?

O apóstolo pensa e responde:

– O ensino mais marcante do Mestre, para mim, veio após a minha desencarnação. A grandeza espiritual de Jesus é algo muito difícil de dimensionar. Tudo que presenciei na Terra é pouquíssimo, comparado ao Seu poder. Fala-se, com razão, que o amor pode curar, pode alterar a história, pode solucionar todos os problemas do mundo. Isso é verdade, mas depois de encontrar com o Cristo no mundo espiritual, descobri que o amor pode muito, muito mais!

**O amor constrói universos.** Tudo o que o Cristo fez em sua ida ao mundo é apenas pequeníssima fração de seu real poder. Por que não fez mais? Para não nos assustar. Isso é amor! – conclui o apóstolo, calando-se de emoção.

– Como melhorar o atual movimento espírita? – pergunta Eclésio que, em seguida, para e se corrige: Quero dizer, como nós, que recentemente tanto atrapalhamos o Consolador, poderemos nos redimir?

– O primeiro passo é assumir-se falível, questionar-se: as ideias que defendo são do Cristo? Estão fundamentadas na codificação espírita? Ou eu as reproduzo em nome de minha arrogância? Observem que não é uma postura fácil para quem tem ilusão de poder. Saber-se falível significa consultar o Cristo e Kardec ao tomar uma decisão. É se perguntar sempre como eles fariam, em cada situação. Se os espíritas em geral e os dirigentes espíritas, em particular, se fizessem esta pergunta em vez de consultar os “poderosos” do momento, a fraternidade verdadeira já teria se instalado em seus corações e nos centros de atividade do Consolador. **Surpreende-me ver líderes espíritas que pensam poder tudo fazer, sem o auxílio direto dos Espíritos amigos. Kardec nunca dispensou o amparo espiritual para suas decisões relativas ao movimento espírita; hoje, porém, dirigentes se reúnem e quase nunca nos consultam.** A arrogância não é um bom caminho. A autossuficiência não os ajuda a entrar pela porta estreita, que conduz a Deus. Na Casa do Caminho, todas as decisões importantes eram meditadas, segundo os ensinamentos de Jesus, e orientadas pelos bons Espíritos. Por que os dirigentes de hoje dispensam o amparo direto dos Espíritos? Serão infalíveis? – conclui o apóstolo.

Eurípedes levanta-se.

É o momento de passar para a outra atividade. Ele pede que se crie um poema, em homenagem à visita de Pedro ao Colégio Allan Kardec, relacionando o que foi aprendido com a vida emocional de cada um. O professor sabe o significado espiritual daquele momento. O apóstolo decidiu iniciar sua nova tarefa com os mais necessitados, os desertores do Consolador. Certamente não é possível mostrar todos os poemas aqui, então apresento dois. Um de Patrícia, o outro de uma senhora, de nome bem conhecido no movimento espírita, e que, por isso, não será identificada. Segue primeiro o de Patrícia:

*“Pedro – és pedra – e sobre essa pedra edificarei minha igreja” – disse o Cristo ao amigo pescador.*

*Contudo, ele nos disse que a pedra, a base da igreja do Mestre, não é Pedro: é a pedra.*

*E que pedra é essa? Pedro explica: “É a pedra que liga e edifica, é a pedra que não quebra, é a pedra que inspira, a pedra da igreja. É a base. É a mediunidade”.*

*Mediunidade é a base da igreja do Cristo, porque ensina o Mestre: Deus é Espírito, Sua igreja é espiritual.*

E agora o da Senhora X:

*Senhor, mandei e não servi. Hoje vi o Apóstolo e senti tua mensagem para mim.*

*Maria que manda, sai da poltrona, da cadeira da direção, vai...*

*Vai... Aprender amar teu irmão.*

*Estuda. Não atrapalha o trabalho do Mestre, achando que sabichão é palestrante famoso, que só sabe dizer não.*

*Não à mediunidade simples e ética, a ser vivida por todo bom cristão. Não ao Cristo, que é chave para a fama e pra ganhar dinheiro.*

*Mediunidade com o Cristo é simples ato de abnegação.*

*Ser cristão é dar um grande e silencioso não, aos valores do mundo vão.*

. . .

A tarefa de encerramento é sugerida pelo apóstolo: visitar dez enfermos e transmitir-lhes as energias e ensinamentos daquele encontro. Pedro inicia sua tarefa de forma simples, beneficiando 20 mil pessoas! “É o poder do amor, que não multiplica apenas pães...” – pensa Felipe ao sair, após o encerramento.

No dia seguinte, Felipe vai à casa de Avelino. Faz o culto do Evangelho no lar e aplica passes no amigo. “Como gostaria de contar tudo que tenho aprendido a Avelino...” – pensa Felipe. “Ainda não”, orienta Pai Joaquim. Afinal, é preciso que ele estude primeiro **O Livro dos Espíritos**, para poder entender as grandes verdades espirituais.



## **SOBRE A SÉRIE**

Amigo e amiga, vamos conversar sobre a obra que você vai ler. Primeiramente, quero dizer que você é muito importante para o Grupo Marcos. Todos os nossos esforços têm apenas um único objetivo: aproximar os corações que amam o Cristo e querem O servir mais e melhor.

Dito isso, vamos falar um pouco dos autores espirituais. O coordenador espiritual de nosso grupo é o Espírito Ivan de Albuquerque. Explica-nos esse amigo que nessa série encontraremos, como no Novo Testamento, diferentes estilos literários, inclusive representações simbólicas, como as empregadas por Jesus, em suas parábolas. Ninguém, portanto, se espante ao encontrar a mediunidade representada por uma simpática senhora. Alerta-nos o amigo que o Cristo também usou de simbolismo para melhor ensinar a verdade. E esse é o objetivo: apresentar a você a grandeza da Codificação espírita e da beleza da obra de nosso Pai. Facilmente você diferenciara o ensino simbólico da realidade objetiva, como fazemos ao ler o Novo Testamento.

A coordenação das histórias é de responsabilidade de Ivan de Albuquerque e as aulas vivenciadas por Felipe, nosso personagem central, têm como autores os professores que as ministraram. Consequente-



mente, cada aula ou exposição da série *Se a Mediunidade Falasse* possui autor específico.

Destacamos aqui que expressamos, com o máximo respeito, as ideias, pensamentos e sentimentos destes amigos que colaboram conosco. Esses Espíritos amigos são os verdadeiros autores desta obra. Para eles, o que mais importa é nos estimular ao estudo e à reflexão sobre a grandiosa obra de Allan Kardec e sua aplicação em nosso dia a dia. A vaidade em aparecer não existe em seus corações e eles deixaram para nós a decisão de os identificarmos por pseudônimos ou como eram conhecidos na Terra. Após muito refletirmos – pois nomes conhecidos podem causar incômodo – decidimos apresentá-los com seus nomes verdadeiros, apenas por um único motivo: estimular você, amigo leitor, a ler e estudar suas obras. Alguns deles deixaram excelentes livros, que devem ser conhecidos por todos. Na medida do possível, citamos suas obras.

Em nosso caso, os encarnados, optamos por nos apresentarmos como Grupo Marcos. Assim, a atenção é direcionada para o conteúdo da obra, e não para especulações que podem nos distanciar dos critérios de Allan Kardec. Afinal de contas, deve-se avaliar a obra, e não os médiuns que a receberam, pois a série *Se a Mediunidade Falasse* será recebida por diversos médiuns.

### **Como foi recebido o livro**

Vou contar um pouco a história deste livro. Quando começou a ser transmitido, pensei que fosse uma peça teatral; depois percebi que seria um livro e, em seguida, uma série... Fui percebendo isso aos poucos. Como observador atento, fui descobrindo os acontecimentos, conhecendo Felipe, suas dúvidas, medos e aventuras. **Psicografar é um ato de descoberta empolgante, de convívio com os bons Espíritos e de aprendizado cristão.** Isso aconteceu em meados de março de 2011. Como deve fazer todo médium, solicitei a mais de dez pessoas que, de fato, conhecem a Doutrina Espírita, para avaliarem a obra. Realizei ajustes e correções, além de duas revisões detalhadas com os amigos espirituais.

Não pensem os futuros médiuns que psicografar é tarefa “mágica”

ou automática. Psicografia é a transmissão de obra (literária ou não) por meio limitado (a mediunidade), o que requer atenção, análises e correções. Toda mediunidade e todo médium têm especificidades que, ora auxiliam, ora dificultam o processo de recepção. No futuro, voltaremos a essa reflexão.

Possuo a mediunidade de **psicografia intuitiva**, o que me permite estar plenamente consciente no momento em que psicografo. Muitas vezes, quando alguém me via psicografar, pensava que estava apenas escrevendo... O que, de fato, eu estava fazendo. Só que eu escrevia a história de outro escritor.

Este livro foi inteiramente psicografado em minha casa, em horários combinados com os amigos espirituais, após a preparação do ambiente espiritual com o auxílio da realização quase diária do Culto do Evangelho, o que se tornou um hábito, que mantenho de segunda a sexta-feira. Ensinam os bons Espíritos que a casa do cristão deve ser um lugar de elevada vibração espiritual. Acredito que devemos nos esforçar para atingir essa meta, apesar de nossas limitações pessoais.

Para concluir, quero falar da alegria que sentimos com nossa publicação! Sonhamos em ter contato com vocês, jovens amigos! Sabemos que muitos entenderão e se empolgarão com a proposta de nosso grupo. Sejam bem-vindos ao Grupo Marcos! Entrem em contato conosco, pois queremos multiplicar o número de amigos e de trabalhadores cristãos! Quem sabe um dia não nos conheceremos?

Acima de tudo, queremos dizer que, se este livro está em suas mãos, estamos muito felizes! Nosso sonho começa a se concretizar e convidamos você a fazer parte dele. Boa Leitura! É o desejo de todos que formam o Grupo Marcos!



## CONHEÇA O GRUPO MARCOS

O Grupo Marcos é um grupo de amigos – encarnados e desencarnados, jovens e adultos, estudiosos e aprendizes – que se propõe a ser uma união de laços cristãos.

O nome “Marcos” foi escolhido em homenagem a uma encarnação de nosso dirigente espiritual, Eurípedes Barsanulfo, que ocorreu à época do Cristo.

Marcos foi um essênio, que se tornou um verdadeiro cristão. E essa história você pode conhecer no livro *A Grande Espera*, publicado pela Editora IDE (Instituto de Difusão Espírita).

### Nossos Princípios

1) Todos os produtos do Grupo Marcos (livros, cursos, programas de áudio, mensagens mediúnicas etc.) são colocados à disposição de todos, de forma gratuita, em nosso site [www.grupomarcos.com.br](http://www.grupomarcos.com.br), sendo previamente autorizado a todos imprimir, copiar e divulgar;

2) As produções (mediúnicas ou não) levam apenas o nome do Grupo Marcos e dos amigos espirituais, quando for o caso;

3) Para colaborar conosco, ou caso você queria nossa ajuda, basta nos contatar;

4) Nosso maior compromisso é com a coerência, o estudo e divulgação da obra de Allan Kardec. Dentre suas obras, a Codificação e a Revista Espírita são as que norteiam o nosso trabalho;

5) Nosso compromisso específico é com a formação da Nova Geração, sem excluir ninguém de nossas atividades;

6) Nos propomos a produzir livros e programas de vídeo e áudio, ter encontros de estudo, presencial e virtual, de modo a colaborar com o movimento espírita.

### **Breve Nota**

Os trechos citados são indicados pela equipe espiritual, cabendo a equipe encarnada a responsabilidade da tradução ou escolha da tradução. Adotamos, na maior parte das vezes, a tradução de José Herculano Pires.

## COORDENADOR DO GRUPO MARCOS

Ivan Santos de Albuquerque nasceu em Brotas, estado de São Paulo, em 16/01/1918 e desencarnou em 05/04/1946, com 28 anos. Jovem dedicado ao Bem, foi espírita sincero e trabalhou intensamente em prol da Doutrina Espírita e do amparo de quem sofre. Soube sempre se sacrificar em benefício dos irmãos e familiares, como também de todos que encontrou em seu caminho. Esse amigo coordenou nossas atividades entre os anos de 2001 e 2016.

Nosso coordenador atual apresenta-se como: “O amigo espiritual de sempre.”

O Grupo Marcos tem a direção geral de Eurípedes Barsanulfo.



## **OUTRAS OBRAS**

### **Série Se a Mediunidade Falasse:**

1. Iniciação
2. Vampirização
3. Despertar
4. Medo e Mediunidade
5. Cristianismo e Mediunidade
6. Antes do Consolador
7. Consolador
8. Renovação Social e Imortalidade
9. Pequena Mestra
10. Aventuras de um Morto
11. Conversas com José

### **Meu Amigo: Eurípedes Barsanulfo**





## **CONTATO**

Tenha acesso a todos os livros de forma gratuita e, se desejar, mantenha contato conosco

**Visite nosso site**

[WWW.GRUPOMARCOS.COM.BR](http://WWW.GRUPOMARCOS.COM.BR)

**Inscreva-se em nossa lista de e-mails para ficar atualizado. Clique Aqui.**

**Entre em contato**

[GRUPOMARCOSCONTATO@GMAIL.COM](mailto:GRUPOMARCOSCONTATO@GMAIL.COM)

